

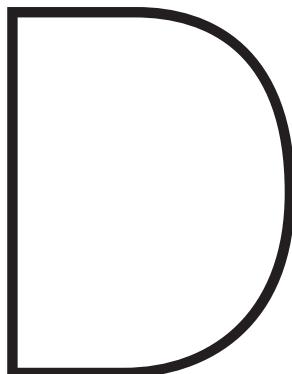
perfil | lima barreto



SEM VETOS A
LIMA BARRETO

RENEGADO PELO CÂNONE, CENSURADO POR JORNALISTAS, POLÍTICOS E LITERATOS, O ESCRITOR MAIS EXPRESSIVO DA PRIMEIRA REPÚBLICA, COM SUA PROSA COMBATIVA E SUA PELE NEGRA, É O HOMENAGEADO DA 15^a FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATY

P O R J R . B E L L É I L U S T R A Ç Õ E S J O Ã O P I N H E I R O



esabotoou a camisa e bateu no peito negro: que venham a imprensa hegemônica, a cloaca política e os escravocratas, que venham os higienistas, os pobres de espírito, o álcool e a loucura! Lima Barreto saca os dedos do coldre, empunha palavras e mira no coração da Primeira República. A coragem deste pistoleiro lírico, lançando livros explosivos e crônicas bombásticas, na solidão que preenche cada linha da linha de frente da literatura combativa, essa coragem não foi vã, não é amedrontada, não será esquecida – ainda que tenha sido reprimida, ainda que seja silenciada, ainda assim há de ser rememorada e assim será sempre o que foi: extrema e libertária.

Homenageado da 15^a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), que acontece de 26 a 30 de julho, o escritor carioca Lima Barreto (1881-1922) nunca foi benquisto pelo cânone: seus romances e crônicas, publicados em mais de 30 jornais no Rio de Janeiro entre o fim do século 19 e o começo do 20, sofreram beligerantes campanhas de silenciamento, cujos ecos silentes até hoje ensurdecem muitos ouvidos, cegam muitos olhos, calam muitas bocas. A antropóloga, escritora e editora Lilia Moritz Schwarcz, no entanto, pronto conheceu a fundo a obra de Lima,

dedicou seus sentidos a lê-la, analisá-la e difundi-la. Por isso, a homenagem da Flip é vista com bons olhos: “Ela pode potencializar a inserção da obra do Lima e fazer com que mais leitores o encontrem. Mas o que acontece é que essa obra está se impondo de uma forma mais geral, porque o Lima trata de temas da nossa atualidade, como a república falha, nossa democracia incompleta, as discriminações, a questão da violência contra a mulher – ele está entrando na agenda de toda forma”.

Lilia acaba de lançar a biografia *Lima Barreto – Triste visionário* (Companhia das Letras), uma das mais completas e instigantes a respeito de sua vida e obra. “Esse é um livro que já escrevo há dez anos, mas pesquiso o Lima há muito mais tempo. É uma homenagem ao Francisco de Assis Barbosa e também a todos os pesquisadores que vêm trabalhando com o Lima com tanta consistência.” Um dos temas centrais da biografia feita por ela é a questão racial – negro, o escritor sentiu arder as cicatrizes históricas da exclusão e do preconceito, e não à toa essas marcas rasgam toda a sua obra. “O Lima vai construir sua persona em torno do fato de ter nascido no mesmo dia da abolição, porém sete anos antes, 13 de maio de 1881. Ele tomou essa data como uma questão constituidora da sua pessoa e da sua literatura, através da crítica que faz sobre a persistência do sistema escravocrata no período da pós-abolição. Ou seja, quando ninguém falava disso, o Lima traz esse tema para o centro da sua obra.”

Nascer em um regime escravocrata e viver na pós-abolição, contudo, catalisava conflitos que tensionavam

tanto a sociedade quanto as entranhas líricas de um escritor como Lima Barreto. Sua relação com a questão racial era também conflituosa, pondera o pesquisador Denilson Botelho de Deus, que se debruça sobre a obra do autor desde os anos 1990. “Ao mesmo tempo que ele sofreu o preconceito recorrente ao longo da vida, por ter tido a oportunidade de ter uma boa formação escolar e de ser um intelectual autodidata, ele se sentia um pouco superior aos seus pares, sobretudo pensando no subúrbio onde ele morava no Rio.” Não é possível tratar essa questão de forma linear, há privilégios e sortilégiros no fato de ser um mordaz e genial escritor negro nessa desrambelhada Primeira República. “O fato dele ter abandonado a Escola Politécnica, onde cursava engenharia, ele atribui à perseguição de um professor, por ser o único aluno negro. Coisas como essa nos levam à contemporaneidade – a obra de Lima é muito atual: estamos falando lá do início da república e agora a gente está aqui discutindo cotas, é um problema grave e histórico que não está resolvido.”

O AMBIVALENTE ANARQUISTA

Postar-se no fronte proletário com caneta em punho e um punhado de frases brilhantes era parte do ofício de Lima Barreto. Ele estava ativo nos anos de 1917 e 1918, quando o Brasil viu explodir suas maiores greves, fruto da militância árdua do movimento operário, que à época tinha grande influência anarquista. “O Lima sempre foi ambivalente, ele não adere prontamente à greve e aos movimentos sociais, mas fazia esse papel de narrador e de introdutor dos teóricos. A partir desses anos, ele se diz um maximalista, adere ao anarquismo e luta pela reforma agrária, isso faz parte de sua política literária, que se consói muito no contrafluxo”, explica Lilia Schwarcz.

Os rebaldes ideológicos de Lima parecem a Denilson Botelho temas controversos: ao passo que muitos pesquisadores enxergam uma filiação política clara com o anarquismo, outros, como ele, acreditam que Lima preservava uma autonomia, ainda que fosse sinceramente solidário às causas populares e proletárias. “O que transparece na obra dele é um ecletismo político, característico da época, que tinha influências de diversas tendências socialistas. Mas ele se aproxima mais do ideário anarquista, ainda que tente preservar um certo grau de independência. Por exemplo, ele recebe convite para aderir formalmente à Confederação Operária Brasileira, mas recusa.”

O pesquisador Francisco de Assis Duarte Guimarães, autor do livro *Vozes de uma cidade e seus personagens em Lima Barreto* (Editora da UFRN), nos lembra quais eram esses temas importantes de que Lima tratava, e sobretudo vivia, naquelas duas primeiras décadas do século 20,

fortemente marcadas pelo avanço avassalador do capitalismo na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal. “O capitalismo derrubava morros, rasgava terras, abria avenidas, erguia prédios, derrubava moradias conjuntas e refugadas dos pobres, demolia casarões, botava abaixo tudo que era considerado feio, pobre, sujo e velho para abrir passagem para aquilo que prometia essa nova sociedade então emergente: uma vida melhor para todos, com melhores condições de ascensão individual e social também.” Essa transformação abrangia todos os aspectos sociais: saúde, educação, política, tecnologia e lazer. Mas esse avanço tinha um preço: “Se, por um lado, era um processo fortemente prometeico e transformador, era também, por outro, uma criação destrutiva, que liquidava memórias, apagava a história, destruía a natureza”. Aquele capitalismo emergente e veloz, no entanto, não cumpriu e ainda não cumpre o que esperava. Ao contrário, só fez e só faz aumentar drasticamente as desigualdades e a precariedade que distam os ricos dos pobres. “Lima escrevia sobre aqueles que foram empurrados para longe, para as margens sociais e, literalmente, para fora do centro da vida citadina, moderna e industrial.”

UM ESCRITOR NEGRO CONTRA A IMPRENSA CHAPA-BRANCA

Lima Barreto vivenciou as radicais transformações que abalaram todos os setores da sociedade brasileira durante a queda do império, mas não se furtou em criticar ferozmente o ufanismo que se erguia em nosso berçário republicano. Grande parte dessas críticas, segundo Denilson Botelho, eram feitas nos jornais cariocas. “Ao longo de quase duas décadas, ele escreveu assiduamente em quase 30 periódicos diferentes no Rio de Janeiro, tratando sempre dos temas que estavam sendo debatidos, sem receio de entrar nos debates públicos e se posicionar.”

Botelho sublinha que a imprensa, como todos os setores sociais, também sofria drásticas mudanças. “Estava se construindo o mito da neutralidade e da imparcialidade no jornalismo, e o Lima denunciava que os jornais não podiam ser compreendidos através de um discurso de autoridade e de verdade, porque ele também é uma fabricação, é também invenção.”

Os romances do escritor eram, da mesma forma, ácidos com seus colegas de imprensa, especialmente *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, assegura Francisco Duarte. “Apesar de ser uma obra de ficção, ela guarda muita relação com a realidade da época e é profundamente autobiográfica. Não à toa, sofreu censura de um jornal, que proibiu seu nome de ser citado por toda a sua existência – o que de fato aconteceu, num caso inédito de censura.”



Para Lilia Schwarcz, o que ocorreu com *Isaías Caminha* foi o primeiro dos vetos a Lima Barreto. “Ele escolhe esse livro para começar sua carreira literária, porque ele tinha outro livro pronto, o *Gonzaga de Sá*, que é mais maduro e acomodado. Mas ele escolhe *Isaías Caminha*. Ocorre que esse livro foi muito maltratado, porque toda a primeira parte é uma forte denúncia da exclusão racial na Primeira República. E a segunda parte é um romance à clef, ou seja, todos os nomes dos editores e diretores daquele jornal que ele cria para a obra poderiam ser facilmente reconhecidos, foram baseados em pessoas reais.” Diante do enredo denunciativo, como vingança, revanche, picuinha, os jornalistas vetam, de todas as formas que podiam, a obra e o autor. “O livro foi pouquíssimo resenhado e o nome dele passa a ser muito pouco ventilado na grande imprensa, que fica totalmente contra ele. O Lima mesmo escreveu que a pior censura é o silêncio, se referindo ao veto que recebeu. Mas ele não para, não se incomoda, ele era tudo menos passivo: depois ele lança *Numa e a ninfa*, que vai criticar os políticos, que também o vetarão, e assim ele vai acumulando desafetos.”

A TURMA DO PRÉ

De desafeto em desafeto, Lima cavou sua trincheira nos terrenos mais movediços dos principais embates de seu tempo, e neles levantou sua bandeira de resistência. “A academia mesmo, que tem muita responsabilidade sobre o cânone, nunca o colocou lá. E ainda teve o veto dos jornalistas, depois o veto dos políticos. Mas o grande pro-

blema da recepção do Lima foi o choque que ele teve com os modernistas paulistanos”, conta Lilia Schwarcz. Tudo começou com um artigo de Sérgio Buarque de Holanda, já um crítico de renome, que confrontava a literatura de Lima. Ao seu estilo, o escritor ironizou o crítico e a revista *Klaxon*, periódico mensal dos modernistas paulistanos, onde o artigo original havia sido publicado. “O modernismo paulistano, que foi muito importante e revolucionário no seu contexto de nascimento, criou, na época de sua consagração, um cânone que incluía todos aqueles que faziam parte dessa turma e excluía quem não fazia parte. O Lima foi tratado como um autor ‘pré’ – mas o que é ‘pré’? ‘Pré’ é o que nada é, o que nada foi e nada será.”

Dessa forma, Lima Barreto, bem como quase toda sua geração, ficou num limbo, esquecido até meados de 1950, quando Francisco de Assis Barbosa o biografa e relança sua obra, em 17 volumes, pela Editora Brasiliense. No começo dos anos 2000, segundo Denilson Botelho, ocorreram significativos progressos para a memória literária de Lima, com a reunião de suas crônicas em dois volumes e uma reedição dos contos. E ele também relançará pela editora Prismas seu livro *A pátria que quisera ter era um mito – O Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto*.

Aos poucos, a literatura e o jornalismo de Lima Barreto vão conquistando seu justo lugar e provando sua atualidade: eles ecoam assuntos importantes, tensões e controvérsias sociais que não se resolveram, e em partes até se agravaram, desde a Primeira República até nossa esquizofrênica República de Curitiba. ☀